

**Vidas Insignes: ficções de si e do outro nos
arquivos de Fernando Sabino e Murilo Rubião**

**Notable lives: fictions of self and the other in Fernando Sabino
and Murilo Rubião archives**

*Cleber Araújo Cabral*¹

¹ Doutor em Estudos Literários, Professor do Curso de Letras do Centro Universitário Uninter, de Curitiba-PR.

RESUMO

Propõe-se a leitura de um conjunto de documentos localizados nos arquivos pessoais dos escritores Murilo Rubião (1916-1991) e Fernando Sabino (1923-2004), ambos alocados no Acervo de Escritores Mineiros, sediado na UFMG. Trata-se de dois grupos de fichas de arquivo, elaboradas pelos dois escritores como registro de dados acerca de pessoas (editores, escritores, jornalistas, políticos) que formavam suas redes de contatos. Ao explorar esse material, intenta-se mostrar que além de se apresentarem como uma cartografia das relações de sociabilidade empreendidas por Fernando Sabino e Murilo Rubião, estas fichas, “autênticas” ficções do arquivo, apresentam-se como uma peculiar antologia de vidas insignes – isto é, de existências rearranjadas em discursos, *personas*, signos.

Palavras-chave: Memória cultural, acervos literários, Fernando Sabino, Murilo Rubião.

ABSTRACT

Proposed here is a combined reading of documents from the personal archives of Murilo Rubião (1916-1991) and Fernando Sabino (1923-2004), both hosted at the Acervo de Escritores Mineiros - Universidade Federal de Minas Gerais. In exploring this material it is intended to show that, in addition to presenting themselves as a metafile and a mapping of the sociability relations undertaken by Fernando Sabino and Murilo Rubião, these files, “authentic” fictions of the archive, present themselves as a peculiar anthology of insignificant lives - that is, of existences rearranged in discourses, *personas*, signs.

Keywords: Cultural memory, literary collections, Fernando Sabino, Murilo Rubião.

1. Arquivos literários: modos de usar

[...] a memória não é um instrumento para a prospecção do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. (BENJAMIN, 2012, p. 245)

A memória é uma ilha de edição.
(SALOMÃO, 2007, p. 43)

Este texto é o desdobramento de uma obsessão: o trabalho com arquivos, mais especificamente, com arquivos literários, e suas implicações para a historiografia (notadamente a da literatura). Essa fixação em como os espólios da vida do outro pode contribuir para compreender o presente se traduz nas seguintes questões: o que se pode saber sobre uma pessoa? Como apresentar as muitas faces do rosto do outro ou de um texto? De que modo os fragmentos de uma vida, que se encontram organizados em um arquivo, podem ser reestruturados, a fim de que contribuam para a compreensão de certas questões?

No preâmbulo que se seguirá, tentarei elencar um conjunto de operadores de leitura empenhados na exploração dos arquivos de Murilo Rubião e de Fernando Sabino, ambos alocados no Acervo de Escritores Mineiros, sediado na UFMG. Após a exposição das balizas conceituais empregadas na construção do presente enfoque, busco apontar traços das atividades de colecionador, adotadas por Rubião e Sabino, na composição de seus arquivos, como também a minha, enquanto leitor e colecionador de rastros. De um lado, compreendo que o escritor/intelectual, ao compor seu acervo pessoal, atua como editor/curador de registros que interpreta e narra sociedades a partir do espólio que constrói no decorrer de sua trajetória, uma vez que, em sua prática de arquivamento, ele define temas e enfoques, classifica,

ordena, disponibiliza e atribui valor, determinando aquilo que deve ser preservado como indicador da substância cultural de uma determinada sociedade. Do outro lado, o historiador, à sua maneira, também exerce a tarefa de curador, visto que promove, mediante a reflexão intelectual, a análise crítica do espólio analisado e de seu contexto de produção, a fim de propiciar a circulação social dos bens culturais presentes no arquivo elaborado pelo escritor/intelectual.

O que se segue não é propriamente um texto, mas algo semelhante a um conjunto de fichas, à maneira das fichas de arquivo, em que se reúnem rastros de leituras de diferentes contextos. Juntas, elas traçam como que um arranjo provisório, marcado pela precariedade daquilo que buscam delinear: as condições e possibilidades de renarrativizar os signos que compõem os arquivos, em específico, os literários.

Para tanto, gostaria que pensássemos naquilo que diz a museóloga Tereza Scheiner: “não é possível tratar dos processos curatoriais sem, entretanto, definir que ideia de (arquivo ou) museu lhes serve de fundamento” (SCHNEINER, 2008, p. 36). Mas qual a relação entre trabalho com arquivos, curadoria, história intelectual, (re)escrita da história e os tais homens insígnies? É o que passo a tratar, agora.

2. A pesquisa em arquivos (de escritores) como provocação à historiografia (literária)

Uma das muitas histórias ainda por fazer, no Brasil, consiste no exame das condições de emergência de uma tradição historiográfica vinculada ao trabalho com arquivos de escritores, bem como das implicações disso no campo dos estudos literários e, tangencialmente (ou nem tanto), para o traçado da cultura intelectual brasileira. Tal prática estaria vinculada, de certo modo, a três voltas nos parafusos dos estudos históricos e literários brasileiros: 1) o *giro linguístico*, desdobramento das reflexões entre linguagem e filosofia, que colocará a questão da ficcionalidade da

prática historiográfica e tensionará as fronteiras entre os campos disciplinares da literatura e da história ; 2) o *giro histórico*, advindo da recepção de teorias da nova história cultural francesa e da micro-história italiana entre pesquisadores brasileiros; 3) por fim, uma *virada arquivística*, ou o encontro dos pesquisadores com os arquivos privados, fruto da instalação de centros de documentação em nosso país (não só arquivos, mas também arquivos-museus), processo que data do início da década de 1970.

Desses deslocamentos de paradigmas interpretativos da realidade emergem outras abordagens dos documentos e fontes, como as “novas” histórias política, social e cultural. No campo da história cultural, nota-se a elaboração de abordagens como a história de intelectuais, centrada nas elites culturais e em suas dinâmicas de sociabilidade. Já no campo dos estudos literários, constata-se, o esgotamento de pesquisas embasadas em concepções como nacionalidade e literariedade.

Como resposta a esse cenário, ocorre a “pluralização do conceito de literatura”, responsável pela (re)valorização de documentos pessoais de escritores, pelo “retorno do escritor”, e pela retomada do interesse no cruzamento da vida com a obra de escritores. Somemos ainda, a essas situações, a recepção, no Brasil, durante a década de 1980, dos trabalhos da micro-história de Carlo Ginzburg (*O queijo e os vermes*) e de Natalie Zemon Davis (*O retorno de Martin Guerre*), além da arqueologia dos saberes foucaultiana, da história cultural de Roger Chartier e da crítica genética francesa. Da conjunção desses fatores resultaria, ao fim de 1980, nos estudos dedicados à pesquisa documental em acervos de escritores.

A essa situação, relaciona-se a criação de centros de documentação de escritores e editores, no Brasil, que pode ser rastreada no crescente aumento de pesquisas afetadas pelo “feitiço dos arquivos”, a partir da década de 1990, com maior incidência de 2000 aos dias atuais – contexto marcado por uma intensa preocupação com os lugares da memória e, ao mesmo tempo, por forte pressão de mecanismos de amnésia social e histórica.

3. Arquivos literários: *postscriptum* de uma vida

O arquivo não trata do passado, ele trata do futuro. Seleciono violentamente o que considero que é preciso que se repita, que se guarde, que se repita no futuro. (DERRIDA, 2012, p. 132)

Os arquivos² pessoais de escritores, ao serem tornados arquivos literários,³ não são apenas um espaço constituído pelo processamento de objetos e registros documentais que permitem compor um perfil biográfico de seu titular. Para além da condição de “lugares de memória”,⁴ tais locais atuam, antes, como usinas a partir das quais se (re)produzem este “eu que se dá a ver”, projetando representações de memórias da cultura letrada, além de versões pessoais acerca de fatos concernentes à história dos campos cultural e político (MARQUES, 2015, p. 91).

Noção recorrente em leituras de documentos de arquivos pessoais é a da escrita de si. Desde a publicação do texto de Michel Foucault “A escrita de si”, em

² Por arquivo entendo um “conjunto de documentos, criados ou recebidos por uma instituição ou pessoa, no exercício de sua atividade, preservados para garantir a consecução de seus objetivos”. Para mais informações, consultar BRASIL. Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005., p. 25 e 14, respectivamente.

³ Conforme elucida Reinaldo Marques (MARQUES, 2015, p. 18-19), a transformação dos arquivos pessoais de escritores em arquivos literários ocorre no deslocamento daqueles do âmbito privado para sua alocação no espaço público, “sob a guarda de centros de documentação e pesquisa de universidades, de bibliotecas públicas, de fundações culturais”. Nesse processo, os arquivos pessoais são drasticamente afetados, tanto no sentido da acomodação dos materiais como no tratamento documental, pois estes passam a ser manipulados por diversos sujeitos e saberes especializados, que acarretam a revalorização dos materiais que compõem os arquivos. Cf. MARQUES, 2015, p. 13-28.

⁴ Em referência à noção formulada pelo historiador francês Pierre Nora. Conforme Nora, os lugares de memória são ambientes compostos pela reunião, pela salvaguarda e pela exposição de objetos que pertenceram a indivíduos e a comunidades do passado, como arquivos e museus. Ao reunir e apresentar aspectos materiais e imateriais de certo grupo social, os lugares de memória buscam não só propiciar acesso às experiências e às lembranças vividas, mas atuar como matriz simbólica de narrativas. Para mais informações, ver NORA, 1993.

1983, no qual o pensador empreende uma história das técnicas de entendimento que o sujeito cria sobre si na cultura da antiguidade clássica, sua presença é quase que unânime em estudos dedicados a arquivos, a autobiografias, a correspondências e a diários. Conforme propõe Foucault, as técnicas de si eram compostas por várias modalidades de exercícios de introspecção (o exame das leituras, motivações, pontos de vista e vivências cotidianas) desenvolvidas a partir da meditação, da ginástica e, sobretudo, da escrita de diários e de correspondências. Tais atividades visavam não ao deciframento do eu, mas à auto-observação, ao estudo das formas pelas quais os sujeitos criam modos de vida singulares para si próprios.

Ainda sobre a noção de escrita de si, uma reelaboração proveitosa desta consiste na ideia de “edições de si”, proposta por Ângela de Castro Gomes. Conforme sugere a historiadora, tal formulação parte da premissa de conceber “a escrita de si [como sendo] um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa” (GOMES, 2004, p. 16). Tal proposição se enriquece ainda mais quando confrontada aos argumentos de Philippe Artières acerca da intencionalidade que preside a acumulação e a elaboração das “provas de mim” (MCKEMMISH, 2013, p. 23), de que se compõem os arquivos. Conforme o historiador francês, o arquivamento do eu

não é uma prática neutra, é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. (ARTIÈRES, 1998, p. 31)

Outro aspecto a se considerar acerca dos “documentos de si” consiste em estes apresentarem um estatuto problemático como indício histórico. Isso decorre da convivência conflituosa entre a “verdade” dos fatos filtrada pela “sinceridade” do indivíduo que os produziu, que implica um cuidado redobrado ao utilizá-los. O

trabalho com materiais de arquivos pessoais coloca em primeiro plano a necessidade de crítica às fontes, como lembra a historiadora Ângela de Castro Gomes, de modo que o pesquisador, ao trabalhar com arquivos, deve ter sempre em mente que

está descartada *a priori* qualquer possibilidade de saber ‘o que realmente aconteceu’ (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito, (...) [uma vez que] o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 15).

Ao colocar o problema da veracidade das narrativas ou registros de si, em seu estatuto de prova, outra questão se apresenta: a das dinâmicas entre o texto e o seu “autor”. Ao enfatizar o aspecto de construção intencional, tal gesto acarreta a descontinuidade de um “processo de subjetivação natural” tido por desinteressado por parte do titular do arquivo trabalhado, uma vez que esse, ao intervir deliberadamente na seleção, na classificação e no ordenamento das circunstâncias de sua vida, ocasiona uma desnaturalização da ideia do arquivo como narração sincera de vida.

4. Vidas escritas: os (meta)arquivos de Murilo Rubião e Fernando Sabino

Explicitadas as relações entre arquivos de escritores, práticas curatoriais e o exercício crítico/historiográfico, passo ao objeto do texto. Como poderão notar, o título desse dialoga, enviesadamente, com outro texto. Trata-se de uma alusão ao ensaio “A vida dos homens infames”, de Michel Foucault. Contudo, ao contrário do trabalho de Foucault, que tratou de existências obscuras e desafortunadas, irei tratar não propriamente das vidas de homens e mulheres infames, destinados por instituições a não deixarem rastros de sua existência – mas de vidas insignes.

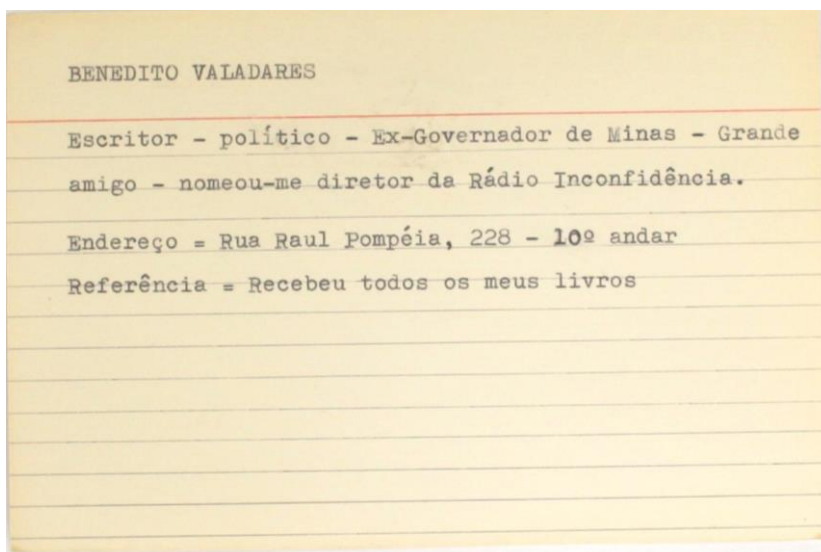
O termo *insigne*, aqui, designa menos o reconhecimento do caráter notável dos personagens e de seus feitos do que o gesto de Rubião e Sabino de reescrever ou fixar vidas reais em signos e discursos de seu arquivo pessoal, que tomo por uma metonímia da cultura brasileira, caso aceitemos que seja lida como um arquivo. O que apresentarei é, portanto, menos uma recolha de retratos de vidas ilustres do que “fragmentos de discurso que consigo levam fragmentos de uma realidade da qual fazem parte” (FOUCAULT, 1992, p. 96).

Mas, o que são essas fichas? Além de uma compilação de contatos pessoais e de trabalho, um mapa incompleto dos grupos pelos quais Rubião e Sabino circulavam, estas fichas apresentam-se como uma peculiar antologia de vidas insignes – isto é, de existências rearranjadas em discursos, *personas*, signos da e sobre a realidade brasileira.

Ao selecionar esses materiais, interessa, nesses meta-arquivos arquivados, são Rubião e Sabino como leitores dos campos cultural, político, social. Daí a proposta de “ouvir”, de escutar com os olhos, como propõe Roger Chartier, lendo estas fichas como pistas para construir leituras que permitam pensar sobre: 1) como os dois escritores construíram suas redes de contatos; 2) os discursos e signos mobilizados para tal. Como sugere Phillipe Artières, trata-se de “ler os arquivos para desenhar” os sujeitos e suas grafias. De certo modo, trata-se de pensar os materiais dos arquivos pessoais de escritores como subsídios materiais para uma biografia dos outros.

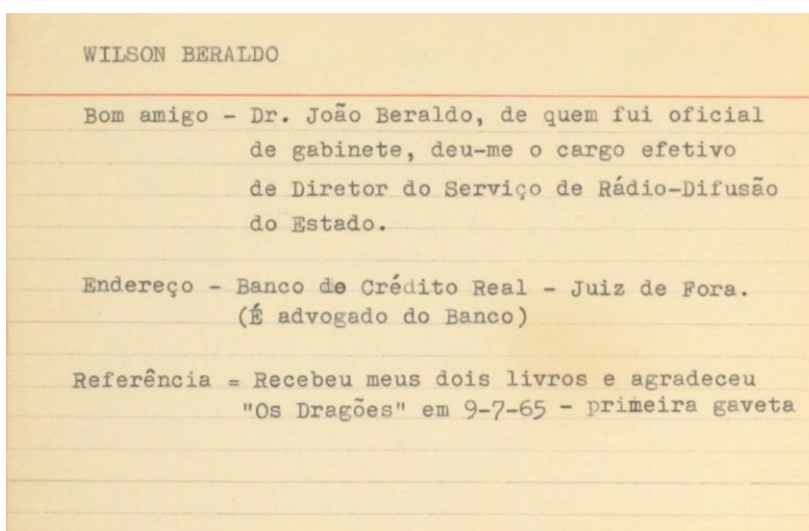
Elaboradas por Murilo Rubião entre 1965 e 1966, em papel cartão pautado de 10 cm x 8 cm, as 267 fichas compõem uma espécie de índice remissivo do arquivo pessoal do escritor. Tomadas em conjunto, essas fichas podem ser lidas como uma antologia de verbetes de participantes estabelecidos e reconhecidos da vida intelectual brasileira entre 1930 e 1966 elaboradas por um participante das relações com e contra o poder nos âmbitos político e cultural desse contexto. Vejamos uma amostra.

Figura 1 – Ficha de Benedito Valadares



Fonte: Acervo Murilo Rubião / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 2 – Ficha de Wilson Beraldo



Fonte: Acervo Murilo Rubião / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 3 – Ficha de Carlos Drummond de Andrade

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Grande poeta

Endereço = Rua Conselheiro Lafaiete, 60 - ap. 701
Telefone =

Referência = recebeu meus dois livros. Agradeceu o "Ex-Mágico" em carta muito afetuosa, datada de 9-11-47 e "Os Dragões" em 8-7-65. Escreveu sobre o "Ex-Mágico" ("Estado de Minas", julho de 51, sob o título de "Estética do Absurdo". Outras cartas na pasta nº 53 Primeira e segunda gavetas

Fonte: Acervo Murilo Rubião / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 4 – Ficha de Curt Meyer-Clason

CURT MEYER-CLASON
Poeta e tradutor de livros brasileiros importantes

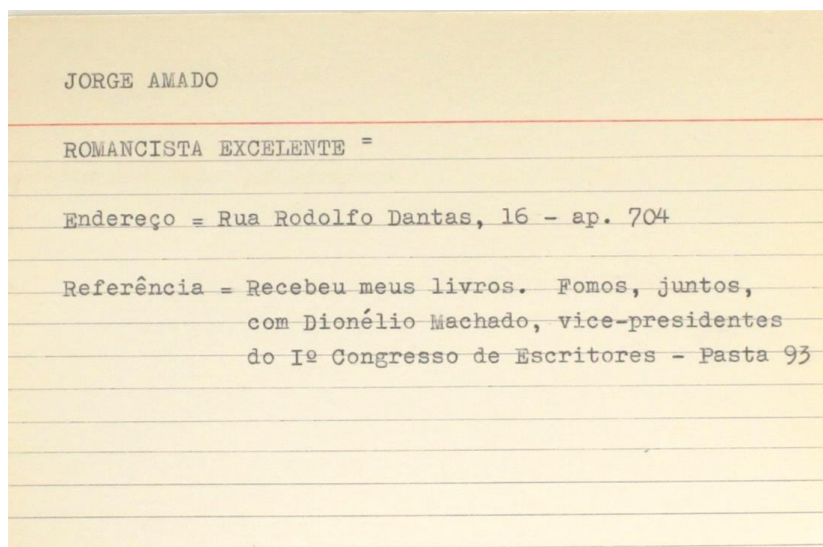
Ficha de 1965

Endereço = 8919 Schondorf/Ammersee Haus 226
Alemanha Ocidental

Referência = recebeu "Os Dragões" - Pretende organizar uma ontologia de contistas brasileiros. Meu nome está incluído nela

Fonte: Acervo Murilo Rubião / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 5 – Ficha de Jorge Amado



JORGE AMADO

ROMANCISTA EXCELENTE =

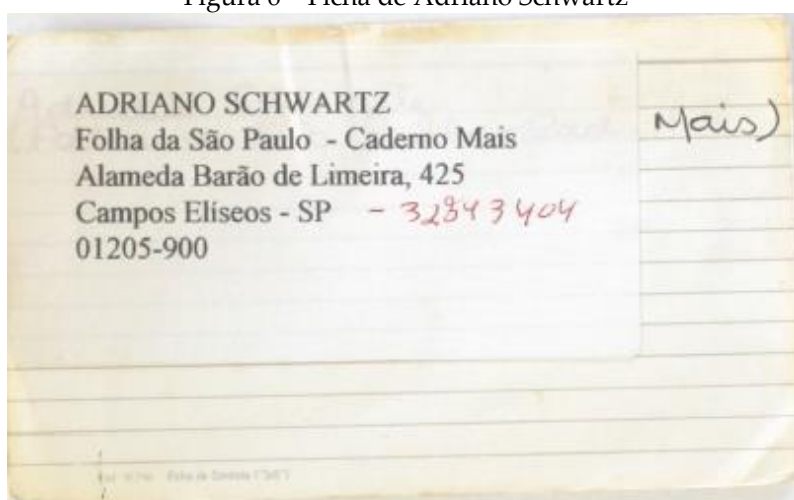
Endereço = Rua Rodolfo Dantas, 16 - ap. 704

Referência = Recebeu meus livros. Fomos, juntos,
com Dionélio Machado, vice-presidentes
do Iº Congresso de Escritores - Pasta 93

Fonte: Acervo Murilo Rubião / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Quanto às fichas arquivísticas de Fernando Sabino, o conjunto é composto por 232 fichas, em papel cartão pautado de 10,5 cm x 6,5 cm, abrangendo o final da década de 1970 ao início da década de 2000. Em seu conjunto, apresentam endereços e telefones de contatos do meio cultural, editorial, jornalístico, literário e político brasileiro. Ao contrário do arquivo de Rubião, no de Sabino há contatos de leitores e, também, cópias manuscritas de dedicatórias feitas pelo escritor.

Figura 6 – Ficha de Adriano Schwartz

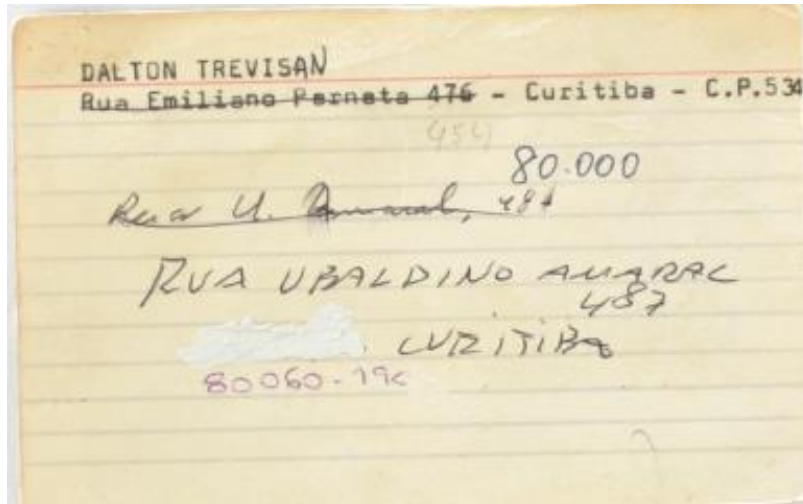


ADRIANO SCHWARTZ
Folha da São Paulo - Caderno Mais
Alameda Barão de Limeira, 425
Campos Eliseos - SP - 32843404
01205-900

Mais)

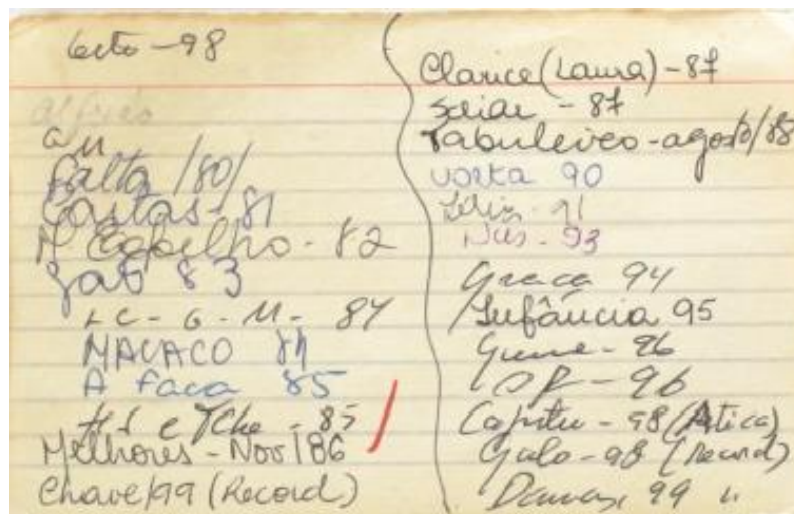
Fonte: Acervo Fernando Sabino / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 7 – Frente da ficha de Dalton Trevisan



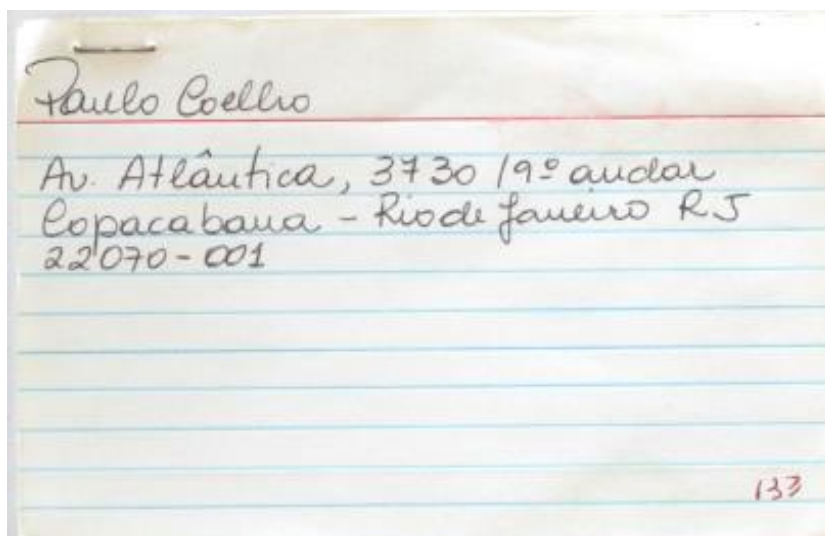
Fonte: Acervo Fernando Sabino / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 8 – Verso da ficha de Dalton Trevisan



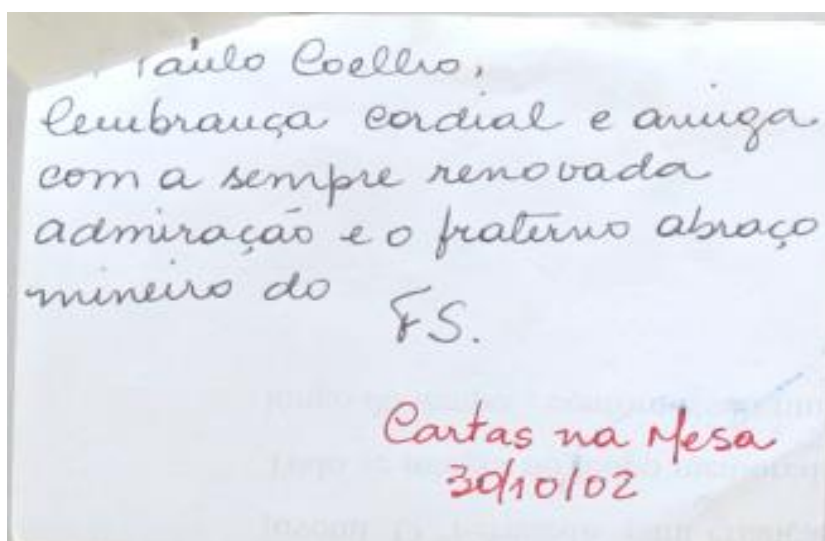
Fonte: Acervo Fernando Sabino / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 9 – Frente da ficha de Paulo Coelho



Fonte: Acervo Fernando Sabino / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Figura 10 – Bilhete anexado ao verso da ficha de Paulo Coelho



Fonte: Acervo Fernando Sabino / Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Os procedimentos de ambos são ligeiramente distintos. Sabino, além de especificar os livros enviados e a ocupação profissional, não atribui juízos de valor a seus contatos. Ao passo que, nas fichas de Rubião, pode-se observar uma série de procedimentos arquivísticos e/ou curatoriais: definição de temas; classificação de pessoas em diferentes grupos; atribuição de valores mediante apreciação feita pelo titular seja de obras artísticas seja da importância dos indivíduos elencados na

construção da sociedade brasileira / mineira; especificação de gaveta e pasta do arquivo pessoal rubiano em que se encontra(va)m situados cartas, fotografias ou outros documentos relacionados à pessoa em questão.

Comparativamente, esses conjuntos de fichas indicam traços das taxonomias adotadas por Rubião e Sabino a fim de estabelecer os arranjos da documentação de seus arquivos pessoais. No caso de Rubião, cabe salientar dois aspectos: a taxonomia adotada para classificar seus círculos de relações, diferenciando graus de intimidade e de interesse (amigo, familiar, crítico, escritor, político); o modo como as fichas se assemelham a verbetes de um idiossincrático dicionário histórico-biográfico, que remete a circunstâncias ou processos culturais, políticos e sociais que caracterizam a modernização brasileira. No caso das fichas de Sabino, chamam atenção os retalhos de papel, anexados às fichas de alguns contatos, contendo a transcrição de dedicatórias em cópias xerox das folhas de rosto dos livros remetidos a figuras específicas (“apenas” um lembrete ou seria um álibi para atestar o contato?). Em comum, as fichas do autor de *O ex-mágico* e *d’O Encontro Marcado* apresentam uma série de dados: um *mailing list* contendo informações de a quem, quando e quais de seus livros o escritor remeteu; um mapa da rede de sociabilidades estabelecida por Rubião e Sabino com protagonistas ilustres (ou infames) da vida cultural e política brasileira do século XX.

5. Ficções do arquivo: notas exploratórias

Construídas sob os signos do artifício e da manipulação, as fichas arquivísticas de Murilo Rubião e Fernando Sabino se apresentam na condição de monumento,⁵

⁵ Em sua proposta de questionamento crítico da intencionalidade produtora que subjaz às fontes documentais, o historiador francês Jacques Le Goff assevera que “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si própria. No limite, não existe documento-

como “livro da própria vida que [sobreviveu] ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, 1998, p. 32) manufaturado com a finalidade de transmitir à posteridade um conjunto de relatos selecionados para contar (ou legitimar) como seu autor/editor gostaria que sua vida fosse lida.⁶ Ou seja, é na perspectiva de dossiês fabricados intencionalmente, os documentos presentes em arquivos de escritores se apresentam não como um tipo de “espelho da alma”, que retrata fidedignamente as experiências e a vida de quem os produziu, mas como ilha de edição em que se reelaboram a história e a memória cultural.

Tais reflexões enfatizam o aspecto de construção intencional dos arquivos, o que acarreta a descontinuidade de um “processo de subjetivação natural”, “sincero”, por parte do titular do arquivo trabalhado, uma vez que esse, ao intervir deliberadamente na seleção, na classificação e no ordenamento das circunstâncias de sua vida, ocasionando a desnaturalização da ideia do arquivo como narração sincera de vida. Para além da condição de “lugares de memória”,⁷ os arquivos de escritores atuam, antes, como espaços a partir dos quais se projetam representações de memórias das culturas intelectuais. Assim, a partir da ideia de edição de si, proponho que os arquivos de Murilo Rubião e Fernando Sabino sejam lidos como catálogos “da própria vida [preparado para sobreviver] ao tempo e à morte”

verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo.” (LE GOFF, 2003, p. 538).

⁶ Em alusão à obra *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, concebo tanto o arquivo do escritor como os documentos que o conformam enquanto espaço de edição e de determinação das formas de leitura de sua obra e de sua atuação enquanto agente sociocultural. Desta maneira, considero que os arquivos literários funcionam como local no qual o escritor lega à posteridade representações nas quais ele figura “não como sua vida e obra de fato ocorreram”, mas “como gostaria que sua vida e obra fossem lidos”.

⁷ Em referência à noção formulada pelo historiador francês Pierre Nora. Conforme Nora, os lugares de memória são ambientes compostos pela reunião, pela salvaguarda e pela exposição de objetos que pertenceram a indivíduos e a comunidades do passado, como arquivos e museus. Ao reunir e apresentar aspectos materiais e imateriais de certo grupo social, os lugares de memória buscam não só propiciar acesso às experiências e às lembranças vividas, mas atuar como matriz simbólica de narrativas. Para mais informações, ver NORA, 1993.

(ARTIÈRES, 1998, p. 32), projetos curatoriais elaborados com a finalidade de transmitir à posteridade um conjunto de registros selecionados e ordenados que relatam e determinam as condições de leitura de sua trajetória e, talvez, a de alguns de seus pares.⁸

Longe do fim deste hipotético conjunto de fichas de leitura, cabe perguntar: que provocações os arquivos literários colocam às práticas da história e da teoria literárias? Que possibilidades ofertam os gestos de retrazar fios da memória cultural a partir da coleção e edição dos rastros? Pensemos nessas questões. Talvez uma possibilidade interessante resida em pensar nos materiais de arquivos como volumes de uma biblioteca por vir, a fomentar projeções no teatro de sombras que tem lugar nas páginas da historiografia. Montagens fantasiada conjuntamente por escritor, pesquisador e leitores, pelas quais transitam, tal como no poema de Ana Martins Marques, “atores com seus figurinos de palavras / com sua maquiagem de palavras / num cenário de palavras” (MARQUES, 2015, p. 62).

Referências bibliográficas

ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS. CENTRO DE ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Acervo Murilo Rubião**. Acervo de Escritores Mineiros – Centro de Estudos Literários e Culturais. Belo Horizonte, UFMG.

⁸ Em alusão à obra *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, concebo tanto o arquivo do escritor como os documentos que o conformam enquanto espaço de edição e de determinação das formas de leitura de sua obra e de sua atuação enquanto agente sociocultural. Desta maneira, considero que os arquivos literários funcionam como local no qual o escritor lega à posteridade representações nas quais ele figura “não como sua vida e obra de fato ocorreram”, mas “como gostaria que sua vida e obra fossem lidos”.

ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS. CENTRO DE ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Acervo Fernando Sabino.**

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos** – Arquivos Pessoais, vol. 11, n.21, p.9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em 22 de junho de 2020.

BENJAMIN, Walter. Escavar e recordar. In: **Rua de mão única**. 6. ed. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho, Jose Carlos Martins Barbosa; revisão técnica Márcio Seligmann-Silva. - São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 245-246. (Obras escolhidas; v.2).

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. MIRANDA, Wander Melo (Org.). **A trama do arquivo**. Belo Horizonte: Editora UFMG; CEL/UFMG, 1995, p. 53-63.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)**. Org.: Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas; Tradução:PS Marcelo Jacques de Moraes; Rev. Técnica: João Camillo Penna. - Florianópolis Ed. da UFSC, 2012.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. – 3. ed. [Lisboa]: Vega, 1992. p. 128-160.

FOUCAULT, Michel; DROIT, Roger-Pol. **Michel Foucault: entrevistas**. Tradução: Vera Portocarrero, Gilda Gomes Carneiro; Revisão técnica: Andrea Daher; Coordenação editorial: Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. Tradução: Federico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. **Estudos Históricos** – Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais. Rio de Janeiro, v.11, n. 21,1998. p. 121-127, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069>>. Acesso em 22 de junho de 2020.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 07-24.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. **História e memória**. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. - 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 419-476.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. **História e memória**. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. - 5ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003. p.525-541.

LUCA, Tânia Regina de. Notas sobre os historiadores e suas fontes. **Revista Eletrônica MétiS. História e Cultura**. UCS, v. 11, p. 13-21, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2064>>. Acesso em 22 de junho de 2020.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

MARQUES, Reinaldo. **Arquivos literários: teorias, histórias, desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana Quillet; (Org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 17-43.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução:: Júlio Cesar Castañon Guimarães. **Projeto História**. São Paulo: Departamento de História da PUC-SP, n. 10, p. 07-28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em 22 de junho de 2020.

SALOMÃO, Wally. **Lábia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu como processo. In: JULIÃO, Letícia (Coord.); BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p. 34-47. Disponível em: <https://issuu.com/alanairiaaugusto/docs/1caderno_diretrizes_museologicas_2>. Acesso em 22 de junho de 2020.

SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n.14, p. 56-66, 1º sem. 2004. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12542>>. Acesso em 22 de junho de 2020.

Recebido em Setembro de 2020.

Aprovado em Outubro de 2020.